

LENTA RECUPERAÇÃO ECONÔMICA E DESAFIOS ESTRUTURAIS AINDA PREOCUPAM OS VÁRIOS SEGMENTOS DO SETOR FLORESTAL

Neste mês de maio de 2013, a Conjuntura do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) acompanha os movimentos dos vários segmentos do setor florestal brasileiro, identificando variações positivas em alguns deles e negativas em outros. De modo geral, apesar de alguns segmentos apresentarem fortes desafios a serem superados, tanto em âmbito nacional, quanto internacional, há certo otimismo junto aos líderes e gestores do setor.

Segmento de Celulose e Papel

A produção brasileira de celulose cresceu 1,8% no primeiro trimestre do ano, se comparada ao mesmo período de 2012. Com relação ao papel, a alta registrada foi de 0,2%. No total, no período, foram produzidas 3,5 milhões de toneladas de celulose e 2,5 milhões de toneladas de papel (Bracelpa, 2013).

De janeiro a abril deste ano, as exportações do segmento somaram US\$2,13 bilhões, sendo US\$1,58 bilhões para a celulose e US\$657 milhões para o papel. Este desempenho foi semelhante ao do mesmo período do ano anterior (MDIC, 2013).

De janeiro a abril, o volume de celulose exportado no período somou, aproximadamente, 2,9 milhões de toneladas. Já as exportações de papel atingiram 618 mil toneladas. Comparado aos resultados de janeiro a abril de 2012, ocorreu um acréscimo de 6,9% no volume exportado de celulose e uma redução de 7,34% no volume exportado de papel, respectivamente (MDIC, 2013).

As vendas de celulose no mercado doméstico cresceram 2% e somaram 416 mil toneladas no primeiro trimestre deste ano, contra 408 mil toneladas em 2012. Por sua vez, as vendas do papel internamente cresceram 4,8% no trimestre, com total de 1,3 milhões de toneladas comercializadas (BRACELPA, 2013).

Os preços da celulose variaram de US\$770,00 a US\$800,00 a tonelada de janeiro a abril deste ano. Já o preço do papel com gramatura igual ou superior a 70g/m² ficou em torno de R\$3.000,00 a R\$3.180,00 a tonelada, neste primeiro quadrimestre de 2013, e os preços do papel A4 ficaram em torno de R\$3.100,00 a tonelada. Espera-se crescimento moderado dos preços neste ano. Parte da pressão

negativa gerada pelas inaugurações previstas de plantas este ano será atenuada pelo fechamento de fábricas antigas.

Sobre a demanda de celulose, embora a previsão seja de crescimento para China e Estados Unidos, a relevância da Europa nas exportações brasileiras e o persistente quadro de crise permanecem como ameaças para o desempenho do setor.

Com relação aos investimentos no segmento, estes foram de R\$21 bilhões de 2008 a 2011 e espera-se um investimento de R\$30 bilhões de 2013 a 2016, segundo o BNDES. Contudo, para alguns especialistas, é preciso reavaliar os novos projetos para que o impacto dessa oferta adicional de celulose no mercado seja administrada a longo prazo.

Uma parte dos projetos de celulose chegará ao mercado com alguns anos de atraso por causa do impacto que a elevada oferta adicional, em curto intervalo de tempo, terá sobre a rentabilidade da indústria e o retorno do investimento.

A perspectiva é de que, a cada ano, uma nova fábrica entre no mercado, até o fim da década. O ritmo ideal seria o de uma nova unidade, com capacidade para 1,5 milhões de toneladas anuais, entrando em operação a cada dois anos, de acordo com Marcelo Castelli, presidente da Fibria.

Para o presente ano, o impacto esperado será sentido com a entrada de operação da primeira fábrica da Eldorado Brasil Celulose, de Montes del Plata (joint venture entre Stora Enso e Arauco), da unidade da Suzano Papel e Celulose no Maranhão, da expansão da CMPC Celulose Riograndense e da nova linha da Klabin. Essas ações representam mais de 6 milhões de toneladas adicionais de fibra curta que serão disponibilizadas no mercado em pouco mais de três anos.

Por outro lado, alguns fechamentos têm sido anunciados globalmente e isso representa a saída de 1 milhão de toneladas de matéria-prima, segundo o vice-presidente executivo da Pöyry Tecnologia, Carlos Alberto Farinha e Silva.

Segmento de Madeira Processada

Em abril de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$178,2 milhões, representando um aumento de 8,9% em relação ao mês anterior. Já as importações, em abril de 2013, foram de US\$13,2 milhões, representando um aumento de 2,3% em relação a março. No acumulado do primeiro quadrimestre de 2013, as

exportações totalizaram US\$634 milhões, apresentando um aumento de 1,1%, quando comparado ao mesmo período do ano passado, indicando um ligeiro aquecimento das indústrias madeireiras. As importações de janeiro e abril de 2013 totalizaram US\$51,4 milhões e foram 8,2% inferiores ao mesmo período de 2012. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$627 milhões, 2% maior que igual período do ano passado. Portanto, o destaque para este ano é que tanto as exportações, como o saldo da balança comercial, vêm aumentando desde janeiro, indicando que em 2013 houve uma melhora em relação ao ano passado, neste segmento (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Abril de 2012 e 2013, em 1000 US\$.

Mês	2013			2012			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
JAN	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
FEV	151.817	10.851	140.966	153.952	12.331	141.621	-1,4	-12,0	-0,5
MAR	163.586	12.951	150.636	183.004	16.275	166.729	10,6	-20,4	-9,7
ABR	178.206	13.252	164.955	155.764	10.721	145.043	14,4	23,6	13,7
Acumulado	634.192	51.420	582.772	627.138	56.013	571.125	1,1	-8,2	2,0
Variação entre ABR e MAR	8,94	2,33	9,51	-14,89	-34,13	-13,01			

Fonte: MDIC (2012), elaborado pelos autores.

Uma das maiores preocupações do setor no momento é com a redução da competitividade. Segundo o presidente da Pöyry Silviconsult, Jefferson Mendes, os custos no setor florestal cresceram, em média, 9,8% ao ano em uma década, enquanto a inflação atingiu o teto máximo de 6,6% ao ano no mesmo período. Isso reduz a competitividade do setor, principalmente no segmento madeireiro. Ele diz que o setor vive momento desfavorável, mas afirma que o pior já passou e a tendência é de dias melhores. Na avaliação de Mendes, os custos no setor florestal foram 45% maiores quando comparados a outros segmentos da economia. Para ele, o lado bom e que ainda não se traduziu em ganhos monetários para o setor, vem da legislação. O novo Código Florestal trouxe avanços com regras claras, permitindo um manejo mais

tranquilo, juntamente com questões como o controle de reserva legal e de áreas de preservação permanente – APPs. Segundo Mendes, o setor florestal - com ênfase madeireira - amadureceu e está forte para enfrentar as realidades de ofertas e demandas reprimidas. No entanto, também no âmbito jurídico, o parecer da Advocacia Geral da União (AGU) atrapalhou o setor. De acordo com Mendes, a restrição da compra de terras por estrangeiros causou um impacto negativo na silvicultura e na indústria. A questão é que na indústria, o problema durou meses, mas na silvicultura ainda vai durar anos.

Na qualidade de presidente de uma empresa que está presente em todo o mundo florestal, Jefferson Mendes diz que o Brasil é visto no setor como um caso de excelência, afirmando “que todos os países querem saber e aprender conosco no plantio e na indústria”, e que a perda de competitividade para Ásia se dá pelo aumento de custos – um problema que não é irreversível. E finalmente lembra que para reverter a situação é necessário formular uma estratégia de ação junto com o governo federal (Painel Florestal).

Produtos Florestais Não-Madeireiros

De janeiro a abril deste ano, o valor das exportações brasileiras e a quantidade exportada de Produtos Florestais Não-Madeireiros (PFNM) pelo país apresentou crescimento em relação ao mesmo período de 2012. O maior crescimento, em termos de valor, foi observado para a castanha-do-brasil (40%) e, em termos de quantidade, para o óleo essencial de eucalipto (62,5%) (Quadro2). Tais informações comprovam o aquecimento na demanda pelos PFNM brasileiros no mercado internacional.

No que diz respeito às importações, observou-se um crescimento de 9% no valor importado de borracha natural e de 13% na quantidade importada dessa *commodity* pelo Brasil, comparando os meses de janeiro a abril de 2012 com o mesmo período de 2013 (Quadro3).

Mesmo aumentando a área plantada, o Brasil ainda depende de importação de borracha natural. Algumas iniciativas vêm sendo feitas com intuito de aumentar a oferta de borracha natural no país, como, por exemplo: o projeto desenvolvido pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater), o projeto da

prefeitura municipal de Santa Fé do Sul, em São Paulo, e o Programa de Desenvolvimento do Setor da Borracha Natural do Estado da Bahia (Prodebon).

Quadro 2 - Exportações de PFNM para os Meses de Janeiro a Abril de 2013, em US\$ e Toneladas.

Produto	US\$ FOB		Tonelada	
	Janeiro a abril de 2012	Janeiro a abril de 2013	Janeiro a abril de 2012	Janeiro a abril de 2013
Castanha do Brasil	56.293.859	78.868.133	14.433	16.108
Óleos Essenciais de Eucalipto	703.740	931.791	40	65
Palmito (em conserva)	1.025.160	1.215.371	205	226
Tanino	1.308.954	1.543.720	508	583

Fonte: MDIC (2013).

Quadro 3 - Importação de Borracha Natural para os Meses de Janeiro a Abril de 2013, em US\$ e Toneladas.

Produto	US\$ FOB		Tonelada	
	Janeiro a abril de 2012	Janeiro a abril de 2013	Janeiro a abril de 2012	Janeiro a abril de 2013
Borracha natural	1.153.965.421	1.261.700.647	251.863	285.543

Fonte: MDIC (2013).

Segmento Moveleiro

O setor moveleiro, em abril e maio, apresenta-se com crescimento moderado, reflexo do fraco e instável desempenho da economia nacional e internacional nesse início de ano.

Segundo a Sondagem Industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a partir de março tem havido uma recuperação da atividade industrial no país, porém de forma gradual, e não há sinais de crescimento disseminado entre todos os setores na comparação com o mesmo mês do ano de 2012. A indústria nacional vem perdendo competitividade em decorrência da já conhecida elevada carga tributária, e no último trimestre, da forte elevação dos preços das matérias-primas. No entanto, para a CNI, o

setor de móveis tem sido um dos que tem apresentado crescimento positivo. No mês de fevereiro cresceu 29,6% e no mês de março 0,5%.

Com relação às exportações brasileiras de móveis, essas permanecem crescentes neste primeiro quadrimestre do ano, o que é razoável em face do crescimento irrisório das economias interna e externa no período. Nos últimos 12 meses, o setor exportou, aproximadamente, US\$459 milhões, valor este 9% inferior ao ocorrido no mesmo período entre maio de 2011 e abril de 2012, de US\$504 milhões. No mês de abril, o total de 36 milhões de dólares de móveis exportados interrompeu uma tendência de queda nos três primeiros meses de 2013. Trata-se de uma mudança significativa. Espera-se que essa se mantenha nos próximos meses. Apesar desse bom resultado em abril, as exportações brasileiras de móveis não têm avançado como se poderia, permanecendo praticamente estagnadas. Nota-se que, no acumulado, de janeiro a abril, essas foram 9% menores do que as de 2011, e praticamente idênticas às de 2012. Além disso, estão 9% abaixo da média histórica de US\$40 milhões usualmente exportados por mês (Quadro 4).

No geral, as importações brasileiras de móveis, ao contrário das exportações, têm apresentado uma consistente trajetória de crescimento. Em março último parecia dar sinais de arrefecimento, apresentando percentual negativo de 14% de crescimento em relação ao mesmo mês do ano anterior (2012). No entanto, agora em abril, voltou a surpreender, aumentando 179% e 445% em relação ao mesmo mês de 2012 e 2011, respectivamente.

No acumulado, de maio de 2012 a abril de 2013, as importações somaram US\$31 milhões, sendo, aproximadamente, 50% maiores do que aquelas ocorridas entre maio de 2011 e abril de 2012 (US\$21 milhões). A título de curiosidade, há apenas dez anos atrás, o país importava cerca de US\$3 milhões em móveis. Atualmente, dez anos depois, importa dez vezes mais, significando um aumento de 933% (Quadro 4).

Quadro 4 – Exportações e Importações Totais de Móveis - Janeiro a Dezembro de 2011 e 2012 e de Janeiro a Abril de 2013(1000US\$ FOB).

Meses	Exportações Totais			Variação		Importações totais			Variação	
	2011	2012	2013	2013/ 2011	2013/ 2012	2011	2012	2013	2013/ 2011	2013/ 2012
Jan.	29.297	27.620	26.656	-9%	-3%	837	1.500	2.206	164%	47%
Fev.	37.020	33.067	32.286	-13%	-2%	991	1.922	2.192	121%	14%
Mar.	39.407	35.463	33.341	-15%	-6%	1386	2.997	2.593	87%	-14%
Abr.	35.796	32.385	36.601	2%	13%	533	1.040	2.903	445%	179%
Mai.	40.410	38.773				1.008	2.882			
Jun.	41.611	36.281				1.069	1.651			
Jul.	38.493	37.196				1.258	1.613			
Ago.	44.226	45.289				3.273	2.088			
Set.	37.223	35.374				1.232	3.128			
Out.	41.477	42.926				2.202	3.599			
Nov.	38.995	42.605				1.495	2.559			
Dez.	41.614	38.474				1.875	1.921			
Total	517.896	458.933				17.159	26.900			
Total últimos 12 meses		504.911	459.282		-10%		20.871	31.198		50%

Fonte: MDCI Elaborada pelos autores

Apesar do esforço do setor em investir em treinamento, feiras, inovações tecnológicas e design e do governo em políticas de redução de impostos e apoio à atividade industrial, com vistas à ampliação da competitividade, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que o setor tire partido do vasto mercado internacional e nacional de móveis, revertendo um quadro permanente de queda de exportações e aumento de importações.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em abril de 2013, segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (AMS) e baseado no preço médio para Minas Gerais, atingiu o valor de R\$505/t de carvão, esboçando uma ligeira melhora (alta de 3%), quando comparado ao mês anterior; e de 2,5% no valor quando comparado ao mesmo período do ano passado, quando as médias giraram em torno dos R\$492,60/t.

No Brasil, a produção de aço bruto foi de 1,7 milhões de toneladas entre janeiro e março, com queda de 2% sobre igual intervalo do ano passado.

Atualmente, observa-se uma desaceleração do consumo mundial. As exportações de ferro gusa em abril deste ano totalizaram US\$113,2 milhões e 274,9 toneladas. Isto representou uma queda de 27,6% e 17%, em termos de valor e quantidade, respectivamente, quando comparado aos valores registrados no mesmo período de 2012. Estes resultados não representam, também, um crescimento significativo do valor e da produção em relação ao mês anterior deste ano, quando atingiram US\$113,4 milhões e 282,5 toneladas, em termos de valor e quantidade, respectivamente, preocupando os agentes do setor.

Alguns fatos evidenciam a crise ou desaceleração no setor. No recente Congresso Brasileiro do Aço, ocorrido no Rio de Janeiro nos dias 8 e 9 de maio, o presidente da Vale, Murilo Ferreira, demonstrou preocupação com os rumos da economia. Segundo ele, seria ingênuo acreditar que o Brasil está imune a crise internacional. "Achar que nós vamos ter um cenário benigno para o Brasil, desacompanhado do resto do mundo, pode ser um pouco de ingenuidade, na minha visão. Infelizmente, nós, muitas vezes, acabamos vendo as coisas com lentes mais apuradas para o Brasil. Mas temos de também notar a situação mundial", afirmou, ao dizer que a crise financeira iniciada em 2007 ainda não terminou. O presidente da mineradora citou a crise na Europa e a dívida de US\$ 16 trilhões dos Estados Unidos como alguns dos principais desafios a serem enfrentados pela economia mundial. De acordo com Ferreira, alguns países passam por uma situação semelhante à vivida pelo Brasil na década de 1980.

Também Benjamim Baptista, atualmente no comando da ArcelorMittal Brasil, destacou que o setor trabalha com uma geração de caixa negativa nas exportações de placas nos últimos anos por conta do que chamou de "efeitos perversos": excedente de aço no mundo, aumento de custo de matéria-prima e a apreciação do real.

Outro exemplo que sugere atenção à economia mundial é o da Gerdau. A maior produtora de aços longos das Américas sofreu uma queda de 60% no lucro líquido do primeiro trimestre sobre o mesmo período do ano passado, mas o resultado veio praticamente em linha com o esperado pelo mercado em meio à crise vivida pelo setor siderúrgico. O desempenho foi afetado por fraca demanda da América do Norte, onde o volume de vendas caiu 13% sobre o ano anterior, para 1,5 milhões de toneladas.

Além disso, as operações na América Latina tiveram queda de 4% nas vendas e a de aços especiais, voltados à indústria automotiva, recuaram também 4%. No Brasil houve um ligeiro crescimento de 2% nos volumes (EXAME, 2013).

Apesar das preocupações levantadas, o diretor-presidente da Gerdau, André Gerdau Johannpeter, afirmou que todas as companhias têm planos de expansão e aguardam uma melhora no cenário mundial para tirá-los da gaveta.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. Engenharia Florestal

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.